

CONTEXTO E REPRESENTAÇÃO: UMA ANÁLISE SOCIOCOGNITIVA DA FALA DE PESCADORES ARTESANAIS

Verónica del Pilar Proaño de FOX¹¹

Benedito Gomes BEZERRA¹²

Resumo: Neste artigo, analisamos a fala de pescadores artesanais em uma entrevista realizada no Encontro dos Pescadores e Pescadoras do Recife, em 2017, em Recife (PE). O objetivo é evidenciar modelos mentais e representações sociocognitivas dos participantes sobre o que significa ser pescador artesanal urbano na atualidade. O texto falado é transcrito, nos moldes apontados por Marcuschi (2001), e analisado com base em Koch e Elias (2006, 2009), Marcuschi (1995, 1997, 2001) e Van Dijk (2012, 2015, 2016). O resultado demonstra a situação subalterna e contingente dos pescadores recifenses, que enfrentam ameaças ao seu modo de vida e produção pesqueira.

Palavras-chave: Sociocognição. Modelos Mentais. Contexto. Fala. Pescadores Artesanais.

Resumen: *En este artículo, se analiza el habla de pescadores artesanales en una entrevista realizada en el Encuentro de los Pescadores y Pescadoras de Recife, en 2017, en Recife (PE). El objetivo es mostrar evidencias de modelos mentales y representaciones sociocognitivas de los participantes sobre lo que significa ser pescador artesanal urbano en la actualidad. El texto hablado es transcripto, en los moldes fijados por Marcuschi (2001), y analizado con base en Koch e Elias (2006, 2009), Marchuschi (1995, 1997, 2001) e Van Dijk (2012, 2015, 2016). El resultado demuestra la situación subalterna y contingente de los pescadores artesanales, que enfrentan amenazas a su modo de vida y producción pesquera.*

Palabras clave: *Sociocognición. Modelos Mentales. Contexto. Habla. Pescadores Artesanales*

¹¹ Doutoranda no curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Recife, Pernambuco, Brasil. email: fox.veronica@gmail.com

¹² Professor e pesquisador no curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (Única). Recife, Pernambuco, Brasil. email: beneditobezerra@gmail.com

Introdução

Neste artigo, analisamos a fala de três pescadores artesanais entrevistados simultaneamente no Encontro dos Pescadores e Pescadoras Artesanais do Recife, realizado nos dias 18 e 19 de setembro de 2017, no Memorial de Medicina de Pernambuco, no Recife (PE). Dentre os participantes da entrevista está um pescador artesanal (P1), que trabalha na Vila Tamandaré e na Ilha de Deus, comunidades pesqueiras urbanas no Recife. A segunda participante é sua esposa (P2), que também desenvolve a atividade pesqueira nessas localidades. O terceiro entrevistado (P3) é pescador e filho de pescadores, além de vizinho do referido casal na Vila Tamandaré. A quarta participante é uma aluna (A) do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco, que indaga: O que é ser pescador artesanal? A ideia central deste trabalho é analisar como os pescadores evidenciam na sua fala modelos mentais e representações sociocognitivas (conhecimento, ideologia, atitudes, valores, metas) sobre o que é ser pescador artesanal.

Do ponto de vista sociopolítico, o evento reuniu membros das comunidades pesqueiras da Ilha do Maruim, Coque, Santo Amaro (Ponte do Limoeiro e Espaço Ciência), Coelho, Bode, Brasília Teimosa, Vila da Imbiribeira, Vila São Miguel, Caranguejo Tabaiães e Vila Tamandaré. Além de discutir as especificidades de cada um desses espaços pesqueiros, localizados na capital pernambucana, o encontro buscou promover a rearticulação e mobilização dos pescadores urbanos recifenses, visando melhores condições de vida e trabalho (CONSELHO PASTORAL DOS PESCADORES; AÇÃO COMUNITÁRIA CARANGUEJO UÇA, 2017).

Formados por representantes de entidades apoiadoras e parceiras, além de pescadores artesanais, os grupos de trabalho debateram temas de interesse do grupo social em foco, sendo eles: i) Direitos Trabalhistas e Previdenciários; ii) Educação; iii) Mulheres Pescadoras; iv) Territórios Pesqueiros Urbanos; v) Produção; vi) Meio Ambiente e; vii) Saúde (CONSELHO PASTORAL DOS PESCADORES; AÇÃO COMUNITÁRIA CARANGUEJO UÇA, 2017).

Para a análise da fala dos pescadores artesanais, tomamos como ponto de partida a premissa de que os (modelos mentais de) contextos são construtos (inter)subjetivos concebidos e atualizados na interação dos usuários da linguagem, influenciando a fala de maneiras indiretas (VAN DIJK, 2012) e envolvendo um conjunto de suposições baseadas nos saberes do interlocutores, mobilizadas para interpretar o texto (KOCH; ELIAS, 2006). Nesses moldes,

analisamos suposições dos sujeitos-produtores da fala que possam levar em conta pressuposições sobre os interlocutores e seus conhecimentos.

Por outro lado, tendo o texto falado uma estruturação marcada por circunstâncias sociocognitivas de produção (KOCH; ELIAS, 2009), explicitamos como a coprodução entre interlocutores se realiza. Para tanto, analisamos funções cognitivo-interacionais, que possam apontar coautoria nas argumentações dos participantes, considerando que: i) os graus de manifestação da coprodução dependem do gênero textual, neste caso a entrevista; ii) em uma coprodução discursiva, os interlocutores são cooperativos, coargumentam, conegociam e, por conta disso, deve-se analisar a situação de fala como um todo; iii) o fluxo discursivo apresenta descontinuidades constantes a partir de fatores de ordem cognitivo-interacional, justificadas por questões pragmáticas de relevância; e iv) na fala há pressões pragmáticas que se sobrepõem à sintaxe, o que muitas vezes leva os interlocutores a sacrificá-la em benefício da interação.

Contexto

Com base na abordagem sociocognitiva do discurso de Teun Van Dijk (2012, p. 46), pode-se dizer que o referido encontro é um episódio social e comunicativo, onde se levantaram, apontaram e debateram assuntos e problemas enfrentados pelos pescadores artesanais ricifenses e suas possíveis soluções. A noção de episódio sociocomunicativo se refere a um fragmento complexo da vida diária de membros da sociedade, que consiste “em fala, texto e outras interações sociais, mais as propriedades relevantes da situação social, tais como tempo, o lugar, os papéis e relações sociais, os objetivos e o conhecimento”. A situação social, especificamente, abrange o entorno relevante da interação social, na qual os participantes estão cientes tanto desse entorno em que interagem quanto da sua fala.

O encontro foi organizado por e para os pescadores artesanais, que, em uma dimensão sociopolítica, são considerados um grupo social subalterno. A noção de subalternidade atende ao sentido do enunciado em Gramsci (1987), isto é, o de grupos excluídos, oprimidos e marginalizados socialmente¹³. Por outra parte, na dimensão da socioantropologia marxista, que

¹³ Estudos em diversas ciências evidenciam o processo de dominação histórica exercida pelo Estado e outros atores sociais nos pescadores artesanais, fazendo deles um grupo social excluído socialmente, cuja atividade econômica enfrenta uma situação contingente no Brasil. A esse respeito conferir Callou (1986), Diegues (1998), Fox (2010, 2013), Ramalho (1999) e Silva (1988).

estuda as culturas tradicionais, os pescadores artesanais se desenvolvem dentro do modo de produção da pequena produção mercantil (DIEGUES, 1998).

Os membros desse grupo social trabalham “por conta própria ou se organizam em grupos de trabalho familiar ou comunal, atuando sem vínculo empregatício, em pequena escala. Utilizando técnicas de captura tradicionais” (LINSKER; TASSARA, 2005, p. 14-15). Esse modo de produção, na visão de Diegues (1998) e Fox (2010), implica uma concepção e representação do mundo natural e seus recursos essencialmente diferentes. A intensa relação entre esse grupo social e a natureza inclui ainda as dimensões de território, identidade, sustentabilidade, dentre outras.

Embora a partir do sociocognitivismo não seja possível afirmar que a situação social dos pescadores influencia diretamente a sua fala ou vice-versa, com Van Dijk (2012, p. 17) é possível afirmar que na noção de (modelo de) contexto se podem observar categorias relevantes tais como “as identidades e os papéis dos participantes, o lugar, o tempo, a instituição, as ações políticas e o conhecimento político, entre outros componentes”, que contribuem para a produção e a compreensão do texto falado.

A fala dos pescadores tampouco pode ser analisada como um produto verbal de um sistema linguístico, mas como um processo ou processamento do texto (falado), que envolve produção e recepção (MARCUSCHI, 1994) e, ainda, “como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política” (VAN DIJK, 2015, p. 12). Nessa perspectiva, a fala “não é apenas uma prática social, mas também uma prática mental – a fala é, ao mesmo tempo, pensamento e ação” (VAN DIJK, 2012, p. 44).

Nesse mesmo sentido, baseando-se em Koch e Elias (2006, p. 58), a noção de contexto para analisar a fala dos pescadores leva em consideração o gênero textual, neste caso a entrevista, a tematização do encontro, os subtemas debatidos e circunscritos à situação social dos pescadores artesanais recifenses, o local, a data e as instituições envolvidas, entre outros, pois “todos esses conhecimentos constituem diferentes tipos de contextos subsumidos por um contexto mais abrangente, o contexto sociocognitivo”. As referidas autoras frisam, ainda, que qualquer usuário da linguagem em interação orienta suas ações linguísticas e não linguísticas com base no contexto e complementam:

[...] podemos dizer que, em uma situação de interação, quando levamos em conta os interlocutores, os conhecimentos compartilhados, o propósito da comunicação, o lugar e o tempo em que nos encontramos, os papéis socialmente assumidos e os aspectos histórico-culturais, estamos atuando com base no contexto e seus elementos constitutivos (KOCH; ELIAS, 2009, p. 76).

Por outro lado, variáveis sociais como gênero, classe social, idade, escolaridade e outras condições os participantes não têm uma incidência direta na produção e compreensão da fala, embora sejam relevantes. Tampouco há uma influência direta do entorno social ou das condições sociais de texto e fala, mas principalmente como os participantes definem o contexto (VAN DIJK, 2012). Assim sendo, analisamos quais são os modelos mentais e as representações sociocognitivas (conhecimento, ideologia, atitudes, valores, metas) envolvidas na produção e compreensão da interação verbal ou, na definição de Koch e Elias (2009), quais são os “saberes ou modelos cognitivos” que intervêm na comunicação dos pescadores, moldando, organizando e limitando a sua fala. Sobre modelos mentais e representações sociocognitivas, discorreremos teoricamente mais adiante.

Ainda na linha sociocognitiva, interessa pontuar que a noção de contexto é relevante para as análises dos processos de produção e compreensão do texto “por permitir estender a reflexão do simples contexto situacional para as condições pragmáticas e cognitivas”. Por isso, o contexto não pode ser reduzido à situação física de produção (MARCUSCHI, 1994, p. 2), mas, como explicam Koch e Elias (2006, p. 63), “o contexto engloba não só o cotexto¹⁴, como também a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e o contexto cognitivo dos interlocutores”. Sendo que este último abrange os demais, pois “reúne todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos atores sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal”.

O contexto é, assim, “um conjunto de suposições baseadas nos saberes dos interlocutores, mobilizadas para a interpretação de um texto” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 64). Essas suposições do sujeito-produtor da fala levam em conta pressuposições sobre os interlocutores e seus conhecimentos. Além de condicionar o texto falado, o contexto pode transformá-lo, sendo este construído e reconstruído pelos interlocutores no decorrer da atividade discursiva (KOCH; ELIAS, 2009).

¹⁴ O cotexto se refere ao contexto linguístico ou entorno verbal (KOCH; ELIAS, 2006).

Modelos mentais

Van Dijk (2012, 2015) explica que os modelos mentais têm uma dimensão pessoal, sendo estruturas cognitivas únicas e subjetivas, conforme o autor argumenta:

Eles não representam objetivamente os eventos de que fala o discurso, mas antes a maneira como os usuários da língua interpretam e constroem cada um a seu modo esses eventos, por exemplo, em função dos objetivos pessoais, conhecimentos ou experiências prévias – ou em função de outros aspectos do ‘contexto’ (VAN DIJK, 2012, p. 92).

Isso explica, por exemplo, por que cada indivíduo tem uma forma de perceber e interpretar determinada situação, evento ou assunto. Apesar de serem pessoais, os modelos mentais também sofrem influências intersubjetivas (na interação com outros usuários da língua) e sociais e, ainda, passam por alterações a partir de condicionamentos objetivos (percepção de propriedades físicas dos objetos, das pessoas, da situação, dos eventos etc.). Por isso, embora cada modelo mental seja único, “sua estrutura abstrata pode ser definida ‘objetivamente’ pelas percepções acumuladas das pessoas” (VAN DIJK, 2012, p. 94). Ou seja, a cognição pessoal e a cognição social no processamento discurso estão intrinsecamente interligadas:

A cognição pessoal explica as maneiras como os usuários individuais da linguagem, como membros de comunidades linguísticas, epistêmicas e sociais, subjetivamente produzem e compreendem o discurso. Embora essa explicação esteja construída em função de estruturas e processos mentais e neurológicos de usuários individuais da linguagem, ela *precisa estar baseada em representações socialmente compartilhadas* por atores sociais individuais como membros de diversas coletividades sociais (VAN DIJK, 2016, p. 10, grifo nosso).

As representações sociais são estruturas sociocognitivas tais como ideologias, conhecimentos, atitudes, opiniões, valores e metas compartilhadas pelos membros de um grupo epistêmico (VAN DIJK, 2012, 2015). Outro aspecto importante é que, embora sejam elaborações da mente, os modelos mentais não são inatos, como na perspectiva mentalista¹⁵. Falcone (2008, p. 56) explica que “eles compõem o nosso aparato cognitivo e são constituídos a partir das nossas relações sociais”. Os modelos mentais se armazenam na Memória Episódica,

¹⁵ Os teóricos das teorias mentalistas defendem que as pessoas têm certos dispositivos cognitivos desde o nascimento, com características inatas da espécie humana. A teoria inatista de Noam Chomsky, por exemplo, entende “o comportamento (a performance, a fala etc.) como opaco e incoerente, o que leva à proposta chomskyana de que as regras e as representações mentais é que são possíveis de serem analisadas, e não o comportamento ou muito menos o discurso” (FALCONE, 2008, p. 30).

que é um grande depósito de modelos mentais de eventos e de experiências do cotidiano e que também faz parte da Memória de Longo Termo¹⁶. Por serem subjetivos, os modelos mentais também podem representar opiniões e emoções pessoais. Assim, as pessoas formam crenças sobre determinados eventos/situações comunicativas que “valem por avaliações, ou seja, opiniões a respeito, possivelmente associadas com emoções” (VAN DIJK, 2012, p. 94).

Por outra parte, os modelos de contexto representam “os aspectos do ambiente comunicativo, e por conseguinte os parâmetros sociais do uso da linguagem, definidos como relevantes para e pelos participantes”. São modelos pragmáticos que tratam da experiência ou situação comunicativa em que os usuários da língua se encontram (VAN DIJK, 2016, p. 11 – 12). Eles representam a comunicação ou interação verbal, e organizam os modos como o discurso é estruturado e adaptado estrategicamente à situação comunicativa global (VAN DIJK, 2012, p. 87 - 107).

A principal função dos modelos de contexto é “controlar as maneiras como os usuários da língua são capazes de adaptar seu discurso e interação em andamento à situação comunicativa atual” Também são multimodais e apresentam a “própria experiência de falar, escrever, escutar e ler, bem como opiniões e emoções (felicidade, medo etc.) associadas com a situação comunicativa” (VAN DIJK, 2016, p. 12).

Os modelos de situação e de contexto se sobrepõem, assim como a semântica e a pragmática do discurso se sobrepõem. Além disso, ambos são representados na memória episódica do usuário da linguagem (VAN DIJK, 2016). Eles são a interface cognitiva entre o discurso, as estruturas do ambiente comunicativo e as estruturas sociais nas quais e sobre as quais as pessoas interagem e se comunicam, o que pode ser explicado pelo seguinte processo:

¹⁶ Segundo Van Dijk (2012, p. 94-96), acredita-se que “as experiências pessoais, e, portanto, os modelos que as representam, são armazenadas na Memória Episódica, que faz parte da Memória de Longo Termo (*Long Term Memory*) (TULVIN, 1983)”. Pesquisas recentes corroboram a existência e a diferença entre “memória episódica” (pessoal) e “memória semântica” (compartilhada), sendo ambas parte da Memória de Longo Termo. “Esses estudos mostram que há diferenças de base neurológica entre tipos diferentes de memória episódica. Por um lado, temos representações episódicas de curto termo de experiências recentes, das quais lembramos muitos detalhes, mas somente por algumas horas ou por um dia [...] Por outro lado, temos uma memória autobiográfica ou conhecimento pessoal de um tipo mais abstrato que pode continuar acessível por muito tempo ou mesmo por toda a vida”. Esta segunda é a chamada Memória Episódica, que diz respeito a informações generalizadas ou abstratas sobre determinada situação, experiência ou contexto. Daí sua importância para “as experiências pessoais dos eventos comunicativos que chamamos de contextos”.

Os usuários da língua são capazes de representar mentalmente eventos e situações sociais e falar sobre eles [...]. Ao mesmo tempo, sua fala é controlada por modelos de contexto subjetivos representando eventos e situações comunicativas e, pois, sociais, de tal modo que sua fala, e por consequência sua interação comunicativa, é adaptada ao ambiente comunicativo e social (VAN DIJK, 2016, p. 13).

Esta é a base cognitiva dos aspectos semânticos e pragmáticos essenciais no uso da língua e do discurso, por meio de uma “interface que liga a natureza, as condições e o controle das estruturas discursivas aos eventos e situações representados do mundo social, por um lado, e mais especificamente com os aspectos sociais da situação comunicativa, por outro” (VAN DIJK, 2016, p. 13).

Funções cognitivo-interacionais

Com base no anteriormente exposto, afirmamos que o contexto não é um tipo de condição objetiva ou causa direta que incide na fala dos usuários da linguagem, mas “construtos (inter)subjetivos concebidos passo a passo e atualizados na interação” (VAN DIJK, 2012, p. 11), sendo uma interface essencial para o processamento da fala, no que se refere à produção, interpretação e adaptação a situações comunicativas, além de moldar e controlar aspectos da fala.

No entanto, os modelos (mentais) de contexto não podem ser reduzidos à fala e suas propriedades geralmente permanecem implícitas e pressupostas, conforme Van Dijk (2012, p. 38) explica: “Eles influenciam fala e texto de maneiras indiretas que só são explicadas na própria fala ou texto em circunstâncias específicas (problemas, erros, equívocos)”. Tais modelos representam propriedades relevantes do entorno comunicativo na memória episódica dos participantes e controlam o processo de produção e compreensão do texto ou da fala.

Os contextos são modelos mentais que “consistem em esquemas de categorias compartilhadas, convencionais e dotadas de uma base cultural, que facultam uma interpretação rápida de eventos comunicativos em curso” (VAN DIJK, 2012, p. 35). Essas categorias são: o tempo, lugar, os participantes (e suas diferentes identidades ou papéis), a ação, os propósitos e o conhecimento, conforme comentado anteriormente.

Por outro lado, sempre que necessário, os modelos de contexto são “indiciados ou referenciados em estruturas linguísticas ou variações [...] conforme estas são usadas em diferentes situações sociais” (VAN DIJK, 2012, p. 39). Por exemplo, em indicações do falante sobre o próprio estado civil ou a respeito da sua orientação sexual, ao fazer referência à esposa

ou ao marido. Para Koch e Elias (2009), na oralidade é comum recuperar os referentes na própria situação discursiva (comunicativa), de forma extralinguística, apontando para eles, dirigindo o olhar ou fazendo um gesto em sua direção. E isso se deve também a que os interlocutores compartilham conhecimentos sobre a situação comunicativa e sobre as coisas que estão falando.

Além disso, segundo as autoras, há pistas linguísticas na fala que “se encontram no cenário e no conhecimento que os participantes têm sobre o que aconteceu antes da interação. Daí o uso de formas referenciais cujos referentes são depreendidos da situação comunicativa ou do conhecimento compartilhado com o interlocutor” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 20). Dentre essas marcas, estão elementos anafóricos (ele, ela), que remetem a outros elementos do texto e dêiticos¹⁷, que apontam para elementos do contexto e outras.

As autoras destacam que é comum observar esse tipo de enunciados em conversas cotidianas porque na fala “podemos apontar para aquilo a que nos referirmos se o referente se encontra perto de nós ou pode facilmente ser identificado, considerando quem diz, para quem diz, quando e onde se diz” e também “porque os interlocutores em questão possuem um histórico interacional, que torna desnecessário a explicitação das informações compartilhadas” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 20).

Apesar da natureza dos modelos de contextos ser geralmente implícita, Van Dijk (2012, p. 38) explica que eles também podem ser discursivos e intertextuais, fazendo “referência a outros textos ou conversas mais antigos”. Além disso, eles podem representar situações sociais ou comunicativas em vários níveis de generalidade. Por exemplo, em um nível micro, podem representar “interações situadas, momentâneas, em andamento, face a face [...] e, por outro, podem representar situações históricas ou sociais totalizadoras, isto é, a estrutura social num nível macro” (VAN DIJK, 2012, p. 39). Para o linguista, “esses níveis podem variar no interior do mesmo evento comunicativo e podem ser indiciados como tais durante o texto ou a fala”.

Nesses mesmos termos, Koch e Elias (2006, p. 58-59) esclarecem que, na produção da fala, os usuários da linguagem “fazem uso de uma multiplicidade de recursos, muito além das simples palavras que compõem as estruturas”. Para além da compreensão linguística, a coprodução do texto falado ou escrito entre interlocutores também demanda a “(re)ativação de

¹⁷ Os dêiticos são elementos da língua, cuja função é “localizar entidades no contexto espaço-temporal, social e discursivo, como pronomes de 1ª e 2ª pessoa (eu, tu, você, vocês, nós, vós); demonstrativos (este, esse, aquele), certos advérbios de tempo e lugar (aqui, aí, ali, agora, ontem, amanhã) etc.”. Eles não possuem valor semântico em si mesmos e variam a cada nova enunciação (KOCH; ELIAS, 2006, p. 60).

outros conhecimentos armazenados na memória”. Ou seja, para que os participantes se compreendam mutuamente, durante uma interação verbal e presencial, “é preciso que seus contextos sociocognitivos sejam, pelo menos, parcialmente semelhantes” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 61).

Outro aspecto na análise da fala é que, “o sentido de um texto não existe a priori, mas é construído na interação sujeitos-texto”. Portanto, na e para a produção de sentido do texto falado é necessário considerar o contexto (KOCH; ELIAS, 2009, p. 57). Tal acepção é referente ao contexto em processamento que compreende tanto o contexto físico de produção quanto os contextos cognitivos de produção e interpretação. Marcuschi (1994, p. 9) explica essa questão da seguinte forma:

Esses contextos são dinâmicos e multifacetados, de modo que as condições de produção têm ali um papel parcial. Assim, as ações praticadas no discurso, as crenças dos indivíduos, seus conhecimentos enciclopédicos e os conhecimentos prévios, bem como o domínio de normas comunicativas etc. constituem contextos da interpretação. Podemos dizer que ao produzir um texto, um autor/falante não apenas se situa em relação ao espaço e tempo, mas vai situando seu ouvinte/leitor dentro de um quadro mais amplo que opera como contextualização conduzida por pistas prosódicas, lexicais, estilísticas, dialetais etc. O espaço interpretativo vai sendo gerado ao longo da própria produção discursiva, que atua reflexivamente.

Ainda sobre as marcas linguísticas, Van Dijk (2012, p. 17) sugere que o uso de expressões dêiticas pode fazer referência explícita a modos como o falante compreende a fala na interação. Isso inclui referentes como: *eu, este assunto, esta pauta, nosso direito, eu digo, aqui estamos, isso, lá fora, junto com as outras, no lugar, o homem, ele, ela, naquela noite, na outra noite*. Em outras palavras, expressões pelas quais se faz “referência à situação presente e a si mesmo enquanto falante, à sua função [...] à orientação política vigente etc.”.

Outras propriedades relevantes do contexto se referem à relação entre os falantes e seu papel social e os membros do grupo, bem como sua opinião e sua oposição a “Outros”. Para Van Dijk (2012), sem esse entendimento contextualizado, não se saberia que a interrupção ou qualquer outra função cognitivo-interacional não é meramente uma pergunta, uma crítica ou um argumento, mas também uma forma de coargumentação, oposição e (re)produção, se os interlocutores tiverem os mesmos interesses ou se forem membros da oposição.

Como o texto falado surge no próprio momento da interação, analisamos na fala dos participantes se ocorre uma interlocução ativa, pelo fato de os interlocutores estarem copresentes, possibilitando “um processo de coautoria, refletido na materialidade linguística por marcas de produção verbal conjunta” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 14). Os graus de

coprodução em situações face a face variam e, portanto, devem observar-se as trocas de turno¹⁸ ou alternâncias no diálogo entre os interlocutores. Na interação imediata acontecem ainda pressões de ordem pragmática que superam muitas vezes as exigências da sintaxe. Tais pressões “obrigam o locutor a sacrificar a sintaxi em prol das necessidades da interação” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 17).

Dentre as marcas cognitivo-interacionais, que podem apontar coautoria nas argumentações dos participantes, estão: falsos começos, truncamentos, correções, hesitações, bem como inserções, repetições, paráfrases, dentre outras. Essas propriedades do texto falado podem forçar “indícios sobre os processos cognitivos e monitoramente subjacentes a essas falas” (VAN DIJK, 2015, p. 63).

A repetição é muito frequente no texto falado e pode ser considerada uma ferramenta para organizar essa modalidade textual. Trata-se de um recurso retórico com funções argumentativas, enfáticas ou mesmo didáticas. Organizadores textuais como *aí*, *daí*, *então*, *aí então*, são alguns exemplos típicos da oralidade (KOCH; ELIAS, 2009, p. 17 – 22).

Quanto à modalidade da linguagem usada pelos participantes, Koch e Elias (2009, p. 13) esclarecem que ambos, texto falado ou escrito, são eventos sociocognitivos que ganham existência “dentro de um processo interacional. Todo texto é resultado de uma coprodução de interlocutores: o que distingue o texto escrito do falado é a forma como tal coprodução se realiza”. Nesses termos, analisamos se há uma coprodução discursiva dos pescadores artesanais, durante a entrevista, na qual eles “cooperam, conegociam e coargumentam” (MARCUSCHI apud KOCH; ELIAS, 2009, p. 17).

Por outra parte, os graus de manifestação da coprodução discursiva dependem também do texto, por exemplo, em conversas informais como a conversação a coprodução se manifesta muito mais do que em palestras, discursos públicos e congressos. Igualmente, de acordo com Koch e Elias (2009), textos falados como a entrevista se aproximam mais do polo da escrita.

Por último, entende-se que a fala é uma modalidade da língua e, embora utilize o mesmo sistema linguístico que a escrita, tem características próprias, além de envolver contingências na sua formulação. Dentre essas características, Koch e Elias (2009, p. 13 – 17) pontuam as seguintes: i) devido à sua natureza interacional a fala é relativamente não planejável. Em outras

¹⁸ O turno na fala é a contribuição de um locutor dada em certo momento da conversação e que corresponde ao que, nas artes cênicas teatrais, se denominam *réplicas*. “Os turnos de fala de diferentes locutores se encadeiam segundo um sistema de alternância. Em análise conversacional, o turno de fala constitui a unidade essencial da organização das produções orais dialogadas” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 14).

palavras, “necessita ser localmente planejada, ou seja, planejada e replanejada a cada novo lance do jogo da linguagem”; ii) a fala apresenta-se em se fazendo, ou seja, no próprio processo da sua construção; iii) no fluxo discursivo há descontinuidades provocadas por uma série de fatores cognitivo-interacionais, que têm “justificativas pragmáticas de relevância”; iv) a fala tem uma sintaxe característica, sem deixar de lado a sintaxe geral da língua; e v) a fala é dinâmica, sendo um processo.

Apesar dessas características típicas do texto falado, vale salientar que fala e escrita não podem ser vistas de maneira dicotômica e estanque. Koch e Elias (2009, p. 14) destacam que, embora ambas tenham características próprias, “se situam ao longo de um contínuo tipológico, que inclui desde a escrita formal até a conversação espontânea”. Para esclarecer a questão, as autoras citam Marcuschi (1995, p. 13) para quem “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos”. Nesse contínuo há diversas produções textuais: orais ou escritas, que atendem em maior ou menor grau às relações de distâncias e proximidade entre os interlocutores (física, social), e ainda ao seu envolvimento.

Assim, as diferenciações extremas entre fala e escrita, colocando muitas vezes a segunda como sendo superior à primeira, não passam de um mito. O mesmo pode ser dito sobre caracterizações do texto falado como caótico, arbitrário ou desestruturado. Na realidade, a linguagem falada efetivamente difere, em vários aspectos, da escrita, e tanto a fala como a escrita têm características próprias, porém, são duas faces da mesma moeda ou, em outras palavras, duas modalidades da mesma língua.

Transcrição da entrevista¹⁹

Para fins de análise da fala, transcrevemos a entrevista na íntegra, seguindo algumas orientações apresentadas por Marcuschi (2001). Procuramos manter o máximo de fidelidade à produção oral dos interlocutores, especialmente características típicas da modalidade falada e que são importantes para analisar elementos cognitivos-interacionais e contextualizadores. Suprimimos os nomes dos entrevistados, a fim de manter em sigilo sua identidade. A

¹⁹ Transcrição de entrevista original realizada pela autora do artigo, em setembro, 2017, Recife, Pernambuco.

entrevistadora é denominada E, os pescadores entrevistados são identificados como P1, P2 e P3.

E – agora...deixa eu ver...tá gravando...eu acho...é

P2 – fala inaudível

E – não não...eu queria saber assim...éh:: o que representa para você...desculpa...me esqueci teu nome

P1 – meu nome éh:: [nome do pescador P1]

E – [P1] de que?

P1 – [nome completo do pescador P1]

E – certo...[nome]...tem quantos anos?

P1 – eu tenho 42 anos

E – 42...é da comunidade de?

P1 – vila tamandaré e a ilha de deus

E – [nome]...o que representa para você ser pescador? Como você diria?...como você diria o que é ser pescador?

P1 – ser pescador?...pescador para mim éh:: para mim é tão mais importante...porque meus pais já veio da pesca...né? E eu já [inaudível] essa atividade...esse trabalho...e é o trabalho que eu gosto...que eu vivo...que eu dou meu sangue...então...quando surge outro trabalho...eu penso três vez...eu penso muito para eu sair da minha...do meu trabalho que eu gosto para ir para outro...aí...

E – é sua vida né?

P1 – éh::é minha vida

E – e para você [nome do pescador P3]?...o que é ser pescador?

P3 – para mim a pesca é uma tradição dos meus pais...dos meus avós...é uma...como se fosse uma...como se chama aquele negócio...que vem lá de baixo até agora?

E – ancestral né?...é uma tradição ancestral?

P3 – é...é...eu mantenho até...os meus filhos...

E – quer passar isso pros seus filhos é?

P3 - éh:: como se fosse uma...é uma tradição

E – uma tradição né?...de pai pra filho né?...entendi [nome do pescador P3]

E – e pra nossa lindinha...como...me esqueci o nome...

P2 – meu nome é [nome completo pescadora P2]...tenho 35 anos e para mim a pesca...desculpa...a pesca...ela tá no sangue né? A pesca é uma coisa que vem de geração em geração né? E tamos vendo que agora no nosso futuro está tudo se acabando...por quê?...por conta da poluição...por conta de...como é...assédio...por conta de um monte de coisas a pesca e os pescadores estão se acabando...estão como se estivessem em extinção...e o que a gente quer é que isso não acabe...mas sim que dê continuidade para os nossos filhos...porque é o futuro né? Que a gente tem pé na frente

P1 – é::

E – oi?

P1 – nós pensamos no futuro...porque o futuro também é...uma parte bom né? E futuramente vai se acabando...a...como é...a nossa facção...os nossos costumes né? O que a gente nascemos...daquela raíz...daquele sangue...então...isso é muito triste...isso é muito triste de ver essas coisas acontecerem e não poder fazer nada...mas...agora né? Agora...junto...junto...se unindo...falando alto...a gente crê...que...como éh:: algo vai acontecer

E – Obrigada gente!

Análise da fala

Inicialmente, observamos algumas formas discursivas de superfície ao longo da entrevista. Uma delas é que a fala dos participantes mantém importantes marcas típicas da oralidade, embora o gênero discursivo entrevista se situe mais próximo ao polo da escrita formal, como explicado anteriormente. Apesar do gênero escolhido, a entrevistadora procura manter sua fala o mais próxima da conversa informal, perguntando e tratando os entrevistados pelo seu nome, usando pronomes como “tu” e adjetivos como “lindinha”, dentre outros elementos lexicais, ao que parece, com o intuito de criar um ambiente de maior aproximação, intimidade e mesmo identidade com os entrevistados, pois, além de estar participando do mesmo episódio sociocomunicativo, isto é, um encontro de pescadores urbanos, busca deixá-los mais à vontade para se expressarem.

É também o gênero, o ambiente e o momento político, a temática do encontro, os subtemas debatidos nesse episódio e circunscritos à situação social dos pescadores artesanais do Recife, ou seja, aspectos do modelo de contexto (situação comunicativa) que demandam dos pescadores a melhor expressão verbal possível. E mesmo que na sintaxe a fala dos pescadores,

especialmente na concordância nominal e verbal, se note uma limitada produção oral normativa, percebemos um esforço no sentido de se expressarem de maneira mais formal.

Essa observação reforça o argumento de Van Dijk (2015, p. 147) para quem “o que as pessoas dizem e significam no discurso não é somente uma função direta de suas crenças étnicas, mas também uma função do contexto, tal como a situação, o gênero, os falantes/escritores, a audiência, e assim por diante”. Esses aspectos também se traduzem em várias funções cognitivas-interacionais dos entrevistados tais como falsos começos, truncamentos, correções, hesitações e repetições que podem ser observadas mais claramente na fala dos interlocutores transcrita anteriormente.

Ainda no aspecto contextual, notamos na fala dos pescadores a referência a textos mais antigos, isto é uma intertextualidade, especialmente sobre situações históricas e mesmo socioculturais e econômicas, em um nível mais macro, as quais são referenciadas e indicadas em diversos momentos por todos os entrevistados e que parecem ser acionadas na fala, a partir da sua memória e do seu conhecimento compartilhado. Por exemplo, quando eles se referem à pesca artesanal como uma atividade “ancestral” e “tradicional”, passada de geração em geração, de pais para filhos. Ou mesmo, quando os pescadores falam sobre aspectos sociopolíticos e econômicos negativos que afetam sua atividade produtiva, quando afirmam que “a pesca e os pescadores estão se acabando”, que é “como se estivesse em extinção”.

Percebemos também uma coprodução na fala dos pescadores que também demanda reativar modelos mentais (subjéctivos e pessoais) bem como representações sociais compartilhadas (ideologias, conhecimento, atitudes, valores, metas), armazenadas na memória dos interlocutores sobre o que é ser pescador artesanal. Outros elementos contextuais como as identidades e papéis sociais dos participantes (nome, idade, local de moradia e trabalho dos pescadores), bem como aspectos sociais, históricos e culturais também são verbalizados na interação: “porque meus pais já veio da pesca...né?”, “A pesca é uma coisa que vem de geração em geração né? “como se fosse uma...como se chama aquele negócio...que vem lá de baixo até agora?. Como exposto anteriormente, além de se tratar de conhecimentos que constituem diferentes contextos subsumidos pelo contexto sociocognitivo, também revelam o papel socialmente assumido pelos pescadores artesanais e aspectos da atividade pesqueira.

Observamos ainda uma interlocução ativa provocada pela interação copresencial dos participantes, gerando uma coprodução maior nas trocas de turno entre os quatro participantes. No entanto, tomando o gênero como um dos elementos constitutivos do contexto sociocognitivo, que regula e modula a fala dos participantes, a entrevistadora domina a maior

parte dos turnos, pois conduz a entrevista. Isso, contudo, não impede alternâncias realizadas pelos interlocutores, especialmente pelo casal de pescadores (P1 e P2), que, assim como o pescador P3, têm representações sociocognitivas semelhantes sobre sua atividade.

Em relação à construção do diálogo, percebemos que os interlocutores se colocam como participantes ativos que, na interação, constroem argumentações e são construídos na fala. Também se nota que, embora o sentido geral da fala não seja preexistente a esta interação, muitos modelos mentais bem como representações compartilhadas intervêm na comunicação dos quatro participantes, organizando, moldando, limitando sua fala, inclusive, em suposições sobre o conhecimento dos outros interlocutores a respeito do assunto questionado: o que é ser pescador artesanal?

No aspecto lexical, destacamos a palavra “representa”, usada pela entrevistadora na elaboração da pergunta central da entrevista. Esta palavra pode remeter a outras como “imagina”, simboliza”, “significa” ou “concebe”. Assim, a pesquisadora situa a fala no âmbito da semântica, dos sentidos, dos significados, das representações sociocognitivas dos participantes sobre o “pescador artesanal”. Podemos afirmar que a pergunta é uma tentativa de acionar na memória (semântica e pragmática) dos interlocutores o modelo mental (de experiência e de situação), bem como as representações sociocognitivas compartilhadas por eles sobre o que é ser pescador artesanal.

Por serem os modelos mentais uma interface cognitiva entre a fala, o ambiente comunicativo e as estruturas sociais, concluímos que, na fala, os pescadores mostram-se capazes de representar (mentalmente) e exprimir verbalmente o que é para eles sua atividades profissional, seu meio de vida. Ao mesmo tempo, os participantes adaptam sua fala ao modelo de contexto do episódio comunicativo, isto é, ao Encontro dos Pescadores do Recife, um momento político em que o grupo e seus apoiadores debatem sobre o presente e o futuro da pesca artesanal.

Considerando que os modelos mentais têm uma dimensão pessoal e que as representações são socialmente compartilhadas entre os membros de uma mesma comunidade epistêmica, é possível observar que a fala dos pescadores remete à representação de uma cultura tradicional, nos termos apontados por Diegues (1998) e Fox (2010, 2013). Isto é, a de um grupo social cuja forma de trabalho é autônoma, familiar, com uma produção em pequena escala, envolvendo padrões de vida e produção transmitidos de geração em geração, de pais para filhos, de avós para netos, com valores e tradições ancestrais.

Pode-se dizer ainda que as práticas sociais se traduzem em práticas discursivas, intermediadas pelos modelos mentais dos pescadores sobre si mesmos e sua atividade, o que se percebe na fala em expressões dêiticas, indiciais e referenciais, bem como em recursos retóricos, tais como organizadores de texto, repetições etc, conforme se pode observar nas seguintes falas negritadas:

P1

- **para mim** é tão mais importante, porque **meus pais** já veio da pesca né?
- e eu já aprendi **essa** atividade...**esse** trabalho
- e é o trabalho que **eu gosto**...que **eu vivo**...que **eu dou** meu sangue
- é...é **minha vida**

P3

- **para mim** a pesca é uma tradição dos **meus pais**, dos **meus avó**.
- que **eu** mantenho **até os meus** filhos
- é uma tradição

P2

- a pesca....**ela** tá no sangue né?
- a pesca é uma coisa que vem de **geração em geração** né?
- E **tamos** vendo que **agora** o **nosso** futuro está tudo se acabando

Ainda sobre as representações mais gerais e compartilhadas pelo grupo social, há uma riqueza na fala dos pescadores que se traduz em uma estratégias discursiva ideológica, tipificando positivamente “*Nós*”, que linguisticamente se enquadra na categoria dos dêiticos. Como frisado anteriormente, os dêiticos não têm valor semântico, mas adquirem-no a cada nova enunciação, pois fazem referência explícita a modos como o falante produz e compreende a fala na interação. É o que ocorre quando os pescadores fazem referência à situação presente e passada, a si mesmo como falantes, a sua identidade, à orientação sociopolítica vigente em relação à pesca artesanal etc. Essas expressões dêiticas tendem a ser explícitas, precisas, específicas, declaradas, detalhadas (VAN DIJK, 2015), conforme pode ser observada nesta fala:

P1

- **nós pensamos** no futuro...porque o futuro também é...uma parte bom né?
- a **nossa facção**...os **nossos costumes**
- o que a gente nascemos **daquela raiz, daquele sangue**

O contexto que dá conta da interação dos pescadores envolve suposições baseadas nos saberes ou conhecimentos dos interlocutores, bem como suas opiniões e emoções ancoradas em modelos mentais (pessoais), como se percebe nas seguintes falas:

P1

- **então, isso é muito triste, isso é muito triste**

P2

- e **o que a gente quer** é que **isso não acabe...mas sim** que dê continuidade para os **nossos** filhos...porque é o futuro né?
- a **gente** tem **um pé na frente**

P3

- pra mim a pesca **é uma tradição dos meus pais...dos meus avós...**
- é uma...como se fosse uma...**como se chama aquele negócio...que vem lá de baixo até agora?**

No que se refere às representações ideológicas, a fala dos pescadores também apresenta implicações sobre a atuação de grupos opositores. No sentido apontado por Van Dijk (2015), isto é, sem detalhes concretos em termos de críticas ou intolerância, mas sim em relação aos desvios, crimes ambientais e à violência dos “Outros” contra o modo de vida e produção dos pescadores, conforme expresso nas seguintes falas:

P2

- e **tamos vendo** que agora **no nosso futuro está tudo se acabando**
- **por quê?** Por conta da **poluição**
- **assédio**...por conta de **um monte de coisas...a pesca e os pescadores estão acabando...estão como se tivessem em extinção**

P1

- e **futuramente vai se acabando**

- **isso é muito triste** de ver essas coisas acontecerem e não poder fazer nada

Por último, percebemos que não basta que os interlocutores tornem explícito na fala ou no texto seu conhecimento do mundo ou a base comum para construir uma resposta em torno de uma questão posta em debate. Parece ser necessário, na construção e compreensão do contexto, um conhecimento sociopolítico que permita aos participantes compreender seu significado político como sendo uma contribuição adequada, neste caso, para um encontro de pescadores artesanais e para a pesca artesanal no Brasil.

Considerações finais

Na análise da fala dos pescadores em torno da pergunta “o que é ser pescador artesanal?”, observamos um processo de coautoria, coargumentação e coprodução que se observa em marcas de produção verbal conjunta como trocas de turno e alternâncias no diálogo entre os interlocutores. Quanto às funções cognitivo-interacionais, estas se fazem presentes em truncamentos, repetições, pigarros, hesitações, dentre outras.

O processamento do texto falado acaba (re)construindo e atualizando um modelo mental sobre o que é ser pescador artesanal, tanto a partir dos modelos mentais pessoais quanto das representações compartilhadas entre os participantes desta situação comunicativa. Mesmo em se tratando da entrevistadora, que acaba inclusive complementando muitas vezes a fala dos entrevistados.

Ainda em relação à construção do contexto, notamos que os participantes continuamente ativam sua memória tanto episódica (biográfica) quanto de longo termo, fazendo referência a textos do passado, quando falam da pesca artesanal. Ou seja, além de haver uma interação situada, em andamento e face a face, de construção de uma representação social, a fala dos participantes remete a situações históricas (positivas e negativas), ou seja, uma estrutura social ideológica e epistêmica mais ampla, o que é indiciado em diversos momentos da fala dos entrevistados.

Além disso, a subjetividade dos modelos mentais dos pescadores pode ser observada nas suas falas carregadas de emoções, como tristeza e desesperança, ao se referir à sua atividade

produtiva, mas também esperança, quando afirmam que “juntos, se unindo, falando alto” acreditam que “algo vai acontecer”.

Em relação a este último ponto, acreditamos que isso também se deve a que a entrevista foi realizada em um episódio comunicativo relevante para o grupo social, em que os pescadores buscavam debater temas e soluções para enfrentar os problemas da pesca artesanal na capital pernambucana.

Por outro lado, observamos ainda que esse (modelo de) contexto acaba influenciando e regulando a fala dos participantes da entrevista, no que se refere ao que deve se dito e como deve ser dito, bem como a hesitações, erros, equívocos, alternâncias de turnos, dentre outras marcas textuais.

Por último, a análise sociocognitiva das falas dos pescadores entrevistados deixa transparecer a situação contingente em que o grupo social se encontra, enfrentando desde ameaças à manutenção do seu modo de vida e produção, que está “em extinção”, bem como do seu território pesqueiro, que “está se acabando”.

Referências

CALLOU, A. B. F. **Movimentos sociais de pescadores em Pernambuco (1920 – 1983)**. 1986. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 1986.

CONSELHO PASTORAL DOS PESCADORES; ONG *AÇÃO COMUNITÁRIA CARANGUEJO UÇA*. **Encontro dos Pescadores e Pescadoras do Recife**, 2017.

DIEGUES, A. C. **O mito da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

FALCONE, K. **(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2008.

FOX, V.D.P.P. **Pesca artesanal e desenvolvimento local: o Movimento Nacional dos Pescadores – MONAPE (1990 – 2009)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Extensão/ Comunicação Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2010.

_____. Estratégias de comunicação do Movimento Nacional dos Pescadores. In: CALLOU, A. B. F. (Org). **Movimentos sociais na pesca**. Recife: Bagaço, 2013.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

LINSKER, R.; TASSARA, H. **O mar é outra terra**. São Paulo: Terra Virgem, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Oralidade e escrita. **Signótica**, v. 9, n. 1, p. 119-145, jan./dez. 1997.

_____. Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA E ENSINO, 1. 1995, Maceió. **Anais...** Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1995. p. 27-48.

RAMALHO, C. W. N. **Pescadores artesanais e o poder público: um estudo sobre a colônia de pesca de Itapissuma, PE**. 1999. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia Rural) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1999.

SILVA, L.G. **Os pescadores na história do Brasil**. v.1. Colônia e Império. Recife: Vozes, 1988.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. **Letrônica**. Porto Alegre, v. 9, n. Esp (supl), p. s8-S29, nov. 2016.